Ano XVI — Lisboa, Outubro de 1960 — N.º 186

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

No Campo Permanente da Associação dos Escoteiros de Portugal, sob a égide do Infante D. Henrique, os escoteiros realizaram o seu Acampamento Regional de 1960

Tal como o nosso jornal anunciou oportunamente, a Região Centro da A. E. P. levou a efeito na semana de 10 a 18 de Setembro p. p. o seu Acampamento Regional «Infante D. Henrique».

Mais uma vez, os escoteiros dos diversos grupos de Lisboa se juntaram no mesmo acampamento, agora com a companhia de alguns camaradas do Norte, do Entroncamento e do Sul. Pena foi que os rapazes de Angra do Heroísmo, também chamados a tomar parte no «Regional», não tenham podido estar presentes, por lhes terem faltado, à última hora, as facilidades esperadas.

«Sempre Pronto», no desejo de acompanhar de perto todas as actividades escoteiras do nosso país a fim de bem informar os seus leitores, esteve presente durante todo o acampamento, tomando parte em alegrias e canseiras, conversando com alguns, ouvindo todos, procurando recolher elementos de reportagem que possam interessar àqueles que não podendo estar presentes, viveram em espírito o Acampamento Regional de 1960.

A CHEGADA

Uma deliciosa travessia do majestoso Tejo em dia alegre de sol escaldante, um bocado de espera pela camioneta de transportes para uma curta viagem, algumas centenas de metros caminhando para o interior da mata nacional da Costa da Caparica e eis-nos no Campo Permanente da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Trata-se de um terreno de óptimas características para a prática de escotismo, mata fechada com muito por desbravar e, por isso mesmo, excelente para exercícios de escoteiros e caminheiros.

Connosco chegam ao local escoteiros de diversos grupos da Capital. Alguns outros estão já instalados. Avistam-se caras conhecidas de muitos anos, outras novas, ainda desconhecidas — amizades que irão nascer.

Os chefes dos grupos desconhecem os locais onde se devem instalar; a organização do Acampamento esqueceu esse pormenor que, parece-nos, estava previsto em anteriores reuniões.

A ordem é cada um ficar onde puder e como quiser. Mas não há qualquer ordem. Nem uma instrução, nem um sinal. Os chefes sentem-se desamparados, nasce a descrença nos organizadores; alguns resolvem em desacordo com o que mais tarde se conheceu ser o plano da chefia de campo.

Felizmente são todos escoteiros e tudo se conjuga com harmonia. O momento não é para discórdias pois no espírito de todos uma ideia apenas se impõe — trabalhar para bem do Movimento.

E, com a noite, nasce o Acampamento Regional «Infante D. Henrique» dos Escoteiros de Portugal.

BOM DIA. TRABALHO

Manhã cedo, resolvemos percorrer o local do Acampamento numa saudação matinal a todos os grupos.

A área é bastante vasta, mas porque quase todos os chefes desconhecem as boas clareiras existentes entre aquele arvoredo e, ainda, porque apenas uma fonte de água existe para abastecer todo o acapamento, os «campos» sucedem-se numa ameaça de confusão, que só o espírito escotista pode salvar.

A azáfama é grande dentro dos campos dos grupos, que começam a alindar as suas «casas» como é de boa norma escotista.

Todavia, verificamos, com surpresa, que dos trabalhos que se podiam considerar preparatórios para o Acampamento e que deviam ter sido executados há já algumas semanas, tudo se encontra ainda por fazer.

Não assistimos às reuniões da comissão organizadora deste Acampamento, mas quer-nos parecer que existiu uma equipa destinada a preparar o Campo para esta actividade. Tal equipa não deu, porém, sinal de vida, o que é pena.

SÊ, SÊ, SÊ JOVIAL, NADA DE RANCOR... SORRI, SORRI, SORRI, MOSTRA O TEU VALOR

A chefia só podia, portanto, contar com os escoteiros acampados para a execução do árduo trabalho que havia para executar, e fez-lhes um apelo.

Havia que suspender trabalhos de ornamentação

(Continua na página 2)

No Campo Permanente da Associação dos Escoteiros de Portugal

(Continuação da página 1)

dos seus campos, renunciar a passeios e banhos no mar, mas os escoteiros corresponderam generosamente ao apelo dos chefes de campo e o quase impossível realizou-se.

Pena foi que nem todos os chefes compreendessem que num acampamento de escoteiros é a estes e principalmente aos chefes que compete realizar o trabalho que ainda não está feito, o qual se torna mais fácil consoante a boa vontade que lhe votamos.

Mas não é por esses que alinhavámos esta reportagem e deles nos propomos esquecer depois destas curtas linhas.

O que jamais poderemos olvidar é o esforço e verdadeiro espírito escotista dos que alegremente, sem recriminações, se devotaram ao trabalho. De entre estes salientemos, por ser de justiça, os rapazes que constituíram o contingente algarvio, os quais, sendo apenas convidados, estiveram sempre presentes onde foi necessário executar uma tarefa. E com que animação sempre o fizeram!

UM «STAND» DO «SEMPRE PRONTO»



Foto Eng.º Noore Santos

O posto do «Sempre Pronto» no acampamento constituiu uma interessante oportunidade de estabelecer contacto com os Escoteiros

A fim de melhor vincar a sua presença entre os escoteiros acampados, o nosso jornal instalou nos terrenos do acampamento um «stand», no qual foram expostos para consulta muitas revistas escoteiras de todo o Mundo, bem como uma interessante reportagem fotográfica do «Jamboree da Saudade» realizado em Junho na Beira (Moçambique).

Neste «stand» estiveram também, para venda e consulta, todas as publicações editadas pelo nosso jornal, tendo merecido interesse especial os manuais das provas de classe e o caderno escoteiro, dos quais algumas patrulhas fizeram largo abastecimento.

NEM DESCANSO, NEM ACTIVIDADES ESCOTEIRAS

Os primeiros cinco dias do Acampamento foram de esforçado trabalho, a que se não furtaram os chefes de campo.

Conseguiram-se assim executar alguns dos trabalhos que se podiam considerar preparativos para a realização do Acampamento.

Só, então, este se deveria ter iniciado para se poder proporcionar aos rapazes algumas actividades verdadeiramente escoteiras e, bem assim, um descanso salutar.

Compreendemos que para os dirigentes este acampamento se revestiu de características especiais, pois se tratou de uma primeira tentativa de adaptação de um terreno até agora quase inexpugnável.

Porém, à compreensão do rapaz não podem ser postos problemas de tal ordem. Para ele um acampamento de escoteiros é uma actividade recheada de jogos, concursos, excursões, pistas, reconhecimentos, etc.

Jamais se poderá sujeitar o jovem escoteiro a um inalterável regime de trabalho constante e despropositado, ou de inacção completa. Será provocar-lhe o tédio e o desinteresse.

O PROGRAMA DO ACAMPAMENTO

Em reunião de chefes, a que não assistimos, realizada na tarde de Domingo dia 18, foi distribuída a ordem de campo. Tal documento regulamentava o comportamento dos escoteiros participantes dentro e fora do campo e inseria o horário da actividade diária dos escoteiros, horário raramente observado.

A HOMENAGEM AO INFANTE

Na manhã do dia 15, deslocaram-se a Belém, acompanhados dos Escoteiros-Chefes Eng.º José Maria Nobre Santos e Ernesto Clímaco do Nascimento, cerca de 15 escoteiros representando todos os grupos presentes no Acampamento, os quais prestaram homenagem à memória do Infante D. Henrique, junto do monumento recentemente inaugurado.

Os referidos escoteiros tiveram oportunidade de visitar, a Exposição Henriquina e o Museu de Arte Popular, após o que regressaram ao acampamento.

COMEÇA A CHOVER

O tempo não quis colaborar inteiramente com os escoteiros acampados. Depois de esplenderosos dias de Sol com que fomos acariciados nos primeiros dias, o céu enevoou-se, escureceu e não tardou que uma chuva desagradável e penetrante caísse sobre o acampamento, encharcando o material existente, ameaçando roubar aos «campos» o brilho que aos poucos iam ganhando.

Todavia os rapazes souberam mostrar que não seria a chuva capaz de lhes roubar a alegria de uma presença no campo em contacto com a natureza e, talvez por isso, a intempérie tornou-se menos insistente e quase inofensiva.

PASSEIOS E EXCURSÕES

Além do que acima citámos em homenagem ao Infante, aos escoteiros em campo foi ainda proporcionado um passeio através do imenso areal da Costa da Caparica, por amável deferência da Companhia de Transportes Transpraia e uma visita ao Convento dos Capuchos.

A VISITA DOS ENVIADOS DOS AÇORES

Na manhã de quinta-feira, dia 15, registámos a amável presença dos srs. Artur Moniz Silva, pai do nosso Delegado nos Açores Escoteiro-Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, do Grupo n.º 52, de Angra do Heroísmo; e António Deodato Ferreira, ambos da Comissão da Patrocínio daquele Grupo, que visitaram interessadamente o Acampamento e nos disseram do desgosto dos escoteiros dos Açores em não poderem estar presentes.

Aqueles senhores tiveram a amabilidade de procurar os serviços do «Sempre Pronto» tendo-nos apre-

(Continua na página 3)

No Campo Permanente da Associação dos Escoteiros de Portugal

(Continuação da página 2)

sentado cumprimentos, bem como saudações do nosso delegado em Angra do Heroísmo para o nosso Director e restante Corpo Directivo, que agradecemos.

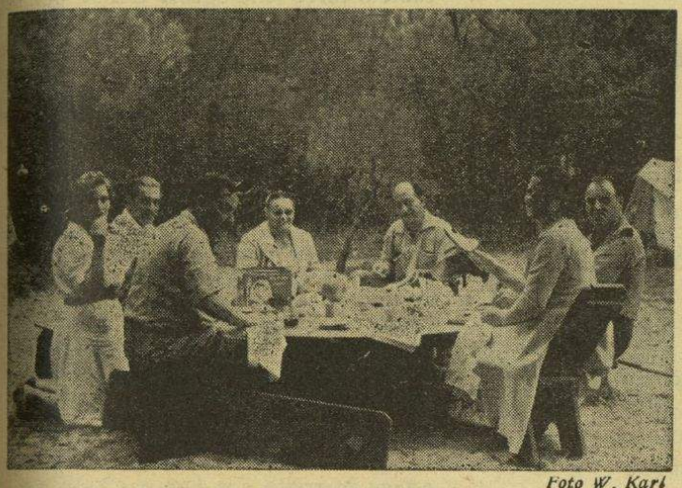


Foto W. Karl

No campo da Fraternal, à hora da refeição

O CHÁ DA FRATERNAL

Uma das mais interessantes jornadas de camaradagem no decorrer do Acampamento verificou-se com o simpático convite da Fraternal dos Antigos Escoteiros a todos os escoteiros e chefes presentes para um delicioso chá, o qual foi servido no característico «Solar dos Ginjas», nome do campo ocupado pelos elementos da Fraternal, que tomaram parte no Acampamento.

Durante o abundante chá que foi acompanhado de saborosos bolos, o representante da Fraternal, sr. Eduardo Quintino Pinheiro saudou os escoteiros presentes e pôde apreciar quanto é querida a sua Associação ao espírito de todos os escoteiros da A. E. P.

Seguiu-se um ensaio do «Fogo do Conselho», a realizar no dia seguinte, findo o qual dois dirigentes do Grupo n.º 94 saudaram a Fraternal com uma canção de improviso alusiva àquela reunião.

O «FOGO DO CONSELHO»

No sábado dia 17 realizou-se o tradicional «Fogo do Conselho», que foi iniciado com o ritual de autoria do saudoso Chefe Amâncio Salgueiro, o qual se não ouvia nos nossos «Fogos» há já alguns anos.

O «Fogo do Conselho» foi dirigido pelo Chefe Armando Garcia Inácio e constituiu um espectáculo de verdadeiro agrado para todos os assistentes, sendo de destacar alguns gritos e interpretações de conjunto dirigidos pelos Chefes Eng.º José Maria Nobre Santos, Eduardo Quintino Pinheiro e Armando Inácio.

No sábado à tarde, o acampamento foi visitado pelo Sr. Manuel Lopes Peixoto, secretário das Relações Internacionais, que percorreu demoradamente os diversos campos, tendo no final palavras de muito apreço para os trabalhos dos grupos, expressando felicitações aos seus dirigentes.

A FESTA DE CAMPO

No Domingo, último dia do Acampamento, foi o dia das visitas. Algumas dezenas de pessoas visitaram os «campos» apreciando os trabalhos executados pelos escoteiros.

À tarde, realizou-se a anunciada «Festa de Campo». Porque não se reveste da solenidade de um «Fogo de Conselho» e não possuindo o poder de tradição que valoriza este, a festa de campo parece-nos não ter merecido dos escoteiros o necessário interesse.

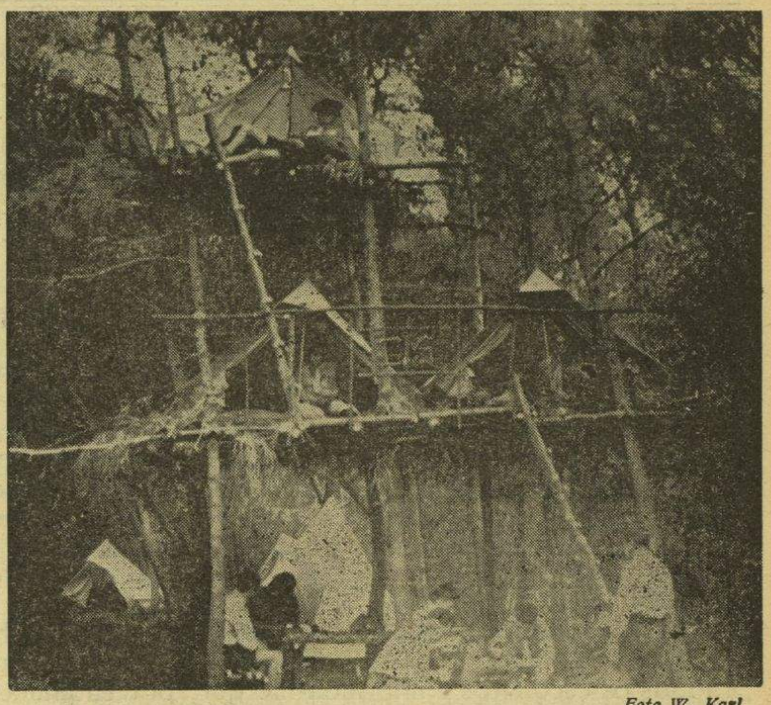


Foto W. Karl

O campo do Grupo 5 oferecia a mais interessante construção do «Regional». Os visitantes demoravam-se a admirar este «hotel» de lona instalado em «edifício» de 2.º andar

Estiveram presentes, além de muitos escoteiros e dirigentes acampados, o Sr. Comissário Nacional Adjunto da Mocidade Portuguesa, acompanhado do sr. Rui Santos; o sr. Artur Augusto Vieira, Secretário-Geral adjunto do C. N. E.; os chefes nortenhos Rev. Vidal dos Santos, Arnaldo Eduardo Couto, José Vidal dos Santos, António Barbosa e Artur Lopes; os escoteiros alemães Johann Georg Schröder, Jules August Schröder e Ottokar Traumüller, da Bund Deutscher Pfadfinder, de Budingen (Hassen); Alfredo Garcia (Piri-Piri) do C. N. E. de Nova Lisboa (Angola); alguns escutas, muitos antigos escoteiros e amigos do Movimento.



Foto Eng.º Nobre Santos

O pórtico do campo do 7 homenageava o Infante

Durante a festa de Campo, fizeram o «Compromisso de Honra» 6 novos escoteiros, sendo 4 do grupo n.º 12, 1 do grupo n.º 16 (em reorganização) e 1 do

(Conclui na página 10)

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

PROVA X

Uma reunião da Patrulha Raposa

José Carlos é um bom escoteiro que reside numa vila do norte do nosso País. Tendo falado do movimento escotista ao seu amigo Manuel João, este logo se mostrou muito interessado em ingressar num grupo. Eis uma carta recebida agora pelo José Carlos sobre as impressões colhidas pelo Manuel João na sua primeira visita a um grupo de escoteiros:

«Meu Caro José Carlos:

«Seguindo o conselho que me deste, visitei há dias o grupo de escoteiros aqui da minha terra. Fiquei bem impressionado.

«O Chefe recebeu-me muito bem. Notei que ele era amigo de todos os escoteiros e que estes lhe dedicavam o maior respeito e uma sincera estima. Na verdade, ele bem merece isso, pois está sempre bem disposto e procurando fazer com que a vida do grupo desperte cada vez maior interesse à rapaziada.

«Quando lhe participei as minhas intenções, o Chefe deu-me boas vindas e felicitou-me pela decisão que tomei. Em seguida apresentou-me a todos os escoteiros e informou-me que, por enquanto, ficaria adido à patrulha «Raposa».

«Os rapazes desta patrulha ficaram muito satisfeitos e demonstraram o maior interesse em que eu viesse a pertencer, de facto, à «Raposa», para assim ficar completa, dada a saída do Jorge, que passou a caminheiro. Que é isso de caminheiro, sabes dizer-me? (1)

«O Mário Rui, que é o guia, presidia à reunião do Conselho da Patrulha. Nessa noite, ia ser escolhido o novo subguia. O Paulo, que por sinal nunca está calado, disse então que o subguia devia ser eleito por meio de votação. O Mário Rui discordou dessa opinião, e soubemos então que o subguia seria Vítor Manuel. (2)

«O guia informou que a «Raposa» teria de fazer um pequeno relatório sobre as principais actividades desta região, tais como indústrias, atracções turísticas e meios de comunicação, documentado com fotografias e, se possível, com outras ilustrações. Estamos empenhados em produzir um trabalho bem documentado e com boa apresentação, tanto mais que se destina a um concurso interpatrulhas que a nossa associação está a promover. (3)

«Outro trabalho que temos para levar a efeito é a renovação do material da patrulha. Precisamos de uma nova cantina e de várias espias, porque as que possuímos estão todas desfiadas. (4) Precisamos de arranjar algum dinheiro e, por isso, o Paulo sugeriu que se fizesse um peditório entre as pessoas amigas. Os outros escoteiros discordaram e o Mário Rui explicou pòr que não se devia proceder assim. (5) Foi resolvido que organizássemos uma festa com essa finalidade.

«O Paulo mais uma vez se intrometeu: «Deixem isso à minha conta. O meu pai é sócio da Associação Recreativa e o grupo cénico de lá faz-nos a festa sem termos de nos ralar». Achas bem a ideia do Paulo?

«No entanto, nós é que vamos ensaiar uns números para que o programa fique todo a nosso cargo. O pai do Carlos Aníbal é que vai ser o ensaiador. (6)

«Gosto muito desta patrulha e penso que quando amanhã for escoteiro, é a ela que hei-de pertencer.

«Quando saímos, estava uma linda noite de luar. No entanto, o Mário Rui, olhando para a Lua, disse que era natural que viesse chuva. Não compreendi tal afirmação. (7)

«O Paulo, olhando o satélite, exclamou:

«— Que pena a Lua não servir para nos orientarmos. Avista-se com muito mais facilidade que a Estrela Polar...

«— Estás enganado em parte, — replicou-lhe o Mário Rui. — Na próxima reunião hei-de demonstrar-te porquê.

«Estou desejoso de saber no que é que Paulo não tinha razão. A Lua vê-se muito melhor que a Estrela Polar, não é verdade? (8)

«Começou mais um ano de estudos que, julgo, vai ser um pouco mais difícil. Mas estou convencido que, com força de vontade e aplicação, vencerei todos os obstáculos que apareçam.

«Um abraço do

MANUEL JOÃO»

(Conclui na página 6)

Soluções da Prova IX

1) O distintivo de Escoteiro da Pátria é o escudo nacional bordado na manga direita da camisa. É a única insígnia de provas de classe que o Dirigente Escoteiro usa.

2) Em Mafeking, na África do Sul, durante o cerco feito àquela cidade por ocasião da guerra com os Boeres.

3) A vara de escoteiro, só ou com outras, tem muitas aplicações: Serve de amparo para subir uma montanha, para armar a tenda, para fazer macas, mastros, pontes, escadas, para sinalização, para defesa de animais raivosos, etc , etc.

4) Portugal em Morse escreve-se: .——. ——— .—. — .·.— ——·· .·— .—·.

5) Tem e grandes. É na mocidade que se deve velar pela conservação da saúde, sabendo que os filhos serão mais tarde os herdeiros das doenças que sofrermos em consequência de loucuras praticadas em novos. Transmitir aos nossos filhos um corpo rijo e saudável é uma obrigação que se deve cumprir desde os primeiros anos da mocidade. Por isso, *o escoteiro é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.*

6) O Chico procedeu mal. Se o rapaz estava agarrado aos fios, o Chico não lhe poderia tocar sem se isolar com uma fazenda grossa de lã. Poderia ser com um casaco que não tivesse qualquer objecto de metal. O socorro a prestar é a respiração artificial até o sinistrado voltar a si, submetendo-o depois a tratamento médico.

7) Trabalho manual.

8) O Carlos «esfregava o olho e respondia». Os olhos não se esfregam... a não ser com os cotovelos. Já fizeste a experiência?

Trabalhos da prova VIII — Os desenhos apresentados para esta prova estavam na generalidade bons, alguns, como o da Patrulha Águia do 5, muito bons mesmo. Alguns pórticos eram muito teóricos.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 10/60

Três números curiosos

Os três números tinham entre si curiosas relações. O primeiro era quíntuplo do segundo. A soma dos três era 78. Enfim, dividindo a soma dos dois primeiros pelo último número, obtinha-se o segundo. Quem é capaz de encontrar os três números?

Solução do Problema n.º 9/60

A sua velocidade é de 72 km. à hora e o seu comprimento de 120 metros. Em 6 segundos, o comboio percorre uma distância igual ao seu comprimento e, em 26 segundos, o seu comprimento mais 400 metros. Faz, portanto, 400 m. em 20 segundos ou seja 20 m. por segundo ou 72 km. à hora. O seu comprimento é de 20×6=120 metros.

Mandaram-nos a resposta certa a este problema os dedicados concorrentes srs. António E. Amêndoa, de Lisboa; João Margarido C. P. dos Reis, de Gaia, que marcaram os 5 pontos normais.

Problema n.º 8/60

Como o «S. P.» foi recebido com atraso por alguns dos nossos leitores, aceitámos respostas que nos foram enviadas fora do prazo. O sr. João Margarido C. P. dos Reis, de Gaia, mandou-nos a solução apenas com 4 faltas. Felicitamo-lo. O sr. António Amêndoa mandou a solução inteiramente certa e marca, portanto, os 5 pontos habituais.

Ouvindo os Chefes das delegações regionais presentes no Acampamento Regional «Infante D. Henrique» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Um dos factos interessantes do Acampamento Regional Infante D. Henrique foi o convite dirigido às Regiões do Norte, Sul e Açores para deslocarem à Caparica uma delegação de escoteiros, a fim de tomarem parte no acampamento.

Só à Região dos Açores não foi possível estar presente, devido à impossibilidade de se conseguirem lugares no avião militar com que contavam para o seu transporte, o que foi pena.

Porque já desde 1950 se não registava uma actividade em que tomassem parte escoteiros das três Regiões do País, quisemos conhecer a opinião dos nossos visitantes acerca do acampamento, do local onde se encontra instalado e de algo mais sobre o escotismo na sua própria Região.

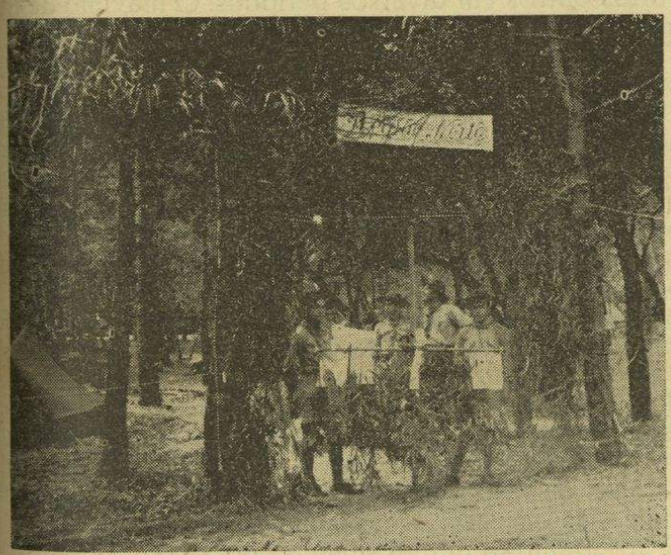


Foto W. Karl

Entrada do acampamento do Norte

Por uma questão de prioridade geográfica, começámos por ouvir a Região Norte pela voz do seu chefe de contingente, o escoteiro-chefe-ajudante do Grupo n.º 44 de V. N. de Gaia, Sr. Joaquim da Rocha Saraiva.

—Quantos rapazes compõem a delegação da Região Norte aqui presente?

—Oito, além de um dirigente, que é este seu amigo.

—Quais as facilidades que obtiveram para a deslocação?

—As facilidades foram totais. O valor das passagens dos rapazes foi-nos remetido pelos serviços da Região Centro e as despesas de estadia aqui estão correndo de conta da Região Norte, que para isso efectuou uma subscrição entre os grupos. As minhas despesas de deslocação e estadia correram também por conta dos serviços da Região Norte.

—Qual a sua opinião sobre o terreno que ocupamos?

—É muito bom para a prática do Escotismo e daqui por alguns anos, com bastante trabalho, poderá aqui estar um esplêndido parque para treino de escoteiros.

«Pena é que seja um bocado longe da cidade e com transportes difíceis».

—Gosta da forma como está decorrendo o acampamento?

—Para lhe responder com franqueza, confesso que não gosto totalmente, pois existe um programa de campo onde se esqueceu a actividade própria para escoteiros, que se deve proporcionar aos rapazes, e mesmo o programa que existe raramente tem sido cumprido. Espero que tudo corra melhor nos dias que faltam até final do acampamento.

—São habituais os acampamentos regionais na sua zona?

—Raros.

—A que se deve?

—Não me encontro devidamente documentado para esclarecer completamente as causas da falta de actividades na Região Norte, mas quer-me parecer que algo existe que tolhe a boa harmonia no que respeita a actividades de conjunto, não obstante a boa vontade que todos os chefes demonstram em colaborar.

—De uma forma geral qual o panorama que observa no momento actual do nosso Movimento?

—Parece-me que todos estão bastante fracos no que respeita a técnica escoteira. Pelo que pude apreciar neste acampamento existe falta de actividades que proporcionem ao rapaz melhores conhecimentos da técnica de campo.

«Devíamos esforçarmo-nos por proporcionar aos rapazes um maior número de actividades de conjunto, quer regionais quer entre regiões, pois parece-me que vivemos demasiado isolados uns dos outros e isso, não há dúvida, prejudica o Movimento.

«Também a míngua de material nos tolhe os movimentos não permitindo sair da rotina e mostrar aos rapazes algo de novo no campo prático».

Agradecemos ao chefe Saraiva o seu interessante depoimento, que registamos com interesse.



Entrada do acampamento do Algarve com alguns dos representantes daquela Região

A chefiar a Região Sul veio do Algarve um jovem guia de Clã, que a avaliar pela forma como se conduziu o contingente algarvio, deu esplêndidas provas de dirigente.

Chama-se Manuel António Lopes Duarte e é o guia do Clã Viriato do Grupo n.º 60 de V. R. de St.º António.

Só no último dia do Acampamento nos foi possí-

(Conclui na página 6)

Ouvindo os Chefes das delegações regionais presentes no Acampamento Regional «Infante D. Henrique» da A. E. P.

(Conclusão da página 5)

vel trocar com ele algumas palavras, que com prazer a seguir reproduzimos, pois vêm de um jovem de que o Escotismo pode e deve esperar muito.

—Quantos escoteiros compõem o contingente da Região Sul?

—Oito, comigo incluído, sendo 4 do Clã Viriato do Grupo n.º 60, 2 escoteiros do Grupo n.º 77 e 2 do Grupo n.º 6.

—Quais as facilidades que obtiveram para a vossa deslocação?

—As passagens foram-nos oferecidas pela Região Centro e apenas tivemos que suportar as despesas de estadia que correram de conta dos escoteiros.

—Acha bom para escoteiros o terreno que ocupamos?

—Acho-o muito bom para a prática de escotismo. Com um campo destes os escoteiros podem pôr em prática os conhecimentos que adquirem. Há espaço para tudo, se for convenientemente aproveitado.

—Gostou da forma como decorreu o Acampamento?

—Não desgostei, mas esperava um pouco mais. Viu-se pouco de trabalho escotista. Todavia fiquei encantado com a camaradagem dos rapazes de Lisboa, que nos dispensaram verdadeira amizade escotista.

—São frequentes os acampamentos regionais no Algarve?

—Realizamos um por ano, que é organizado sucessivamente por cada um dos Grupos da Região.

—Acha úteis tais acampamentos?

—Sim, muito, pois proporciona aos rapazes um contacto estreito com os escoteiros dos outros Grupos, o que traz, como consequência, uma melhoria geral.

—Como encara a realização de acampamentos entre regiões?

—Acho que existe falta de contacto entre os escoteiros das diferentes regiões que, a existir, fomentaria, sem dúvida, uma maior projecção do Movimento. No Algarve, por exemplo, tem grande influência no meio local o facto do Escotismo proporcionar aos rapazes conhecimentos com jovens de diferentes pontos do país e até do estrangeiro.

Despedimo-nos do Manuel Duarte, manifestando-lhe a nossa satisfação pela forma animosa como vimos sempre os algarvios desempenhando as tarefas de que eram incumbidos, ao que este nos retorquiu com a maior simplicidade: «Era preciso».

Também o Entroncamento esteve presente no nosso «Regional» por intermédio do seu 84. Trata-se de um grupo que faz parte da Região Centro, mas que, em virtude da distância a que se encontra da Capital, só aqui vem quando há festa rija.

Desta vez não faltaram os rapazes do Entroncamento e, por isso, não quisemos deixar de registar igualmente as suas impressões sobre mais esta jornada escotista.

O Chefe do Grupo, Sr. Aníbal Horta, por razões profissionais só pôde estar no Acampamento até terça-feira, voltando no último fim de semana. Ficou por isso a dirigir o grupo o caminheiro Manuel Ferreira Valério, com quem trocámos impressões:

—Quantos escoteiros do 84 vieram ao Acampamento?

—Durante todo o tempo do acampamento conseguimos manter 6 escoteiros no campo, mas estiveram vários outros em diversos períodos. O máximo de elementos que juntámos foi de 10.

—Gostam do local onde está instalado o Acampamento?

—Gostamos do local e do próprio terreno, que acho óptimo para actividades escoteiras. Não é difícil recorrer ao comércio para nos abastecermos, se bem que no campo deveria estar montada uma cantina para tais abastecimentos.

—Gosta da forma como tem decorrido o Acampamento?

—De uma forma geral o Acampamento tem sido uma interessante jornada escotista, mas acho que se perdeu demasiado tempo com trabalhos preparatórios, alguns deles bastante violentos, que já deviam estar feitos quando o acampamento se iniciou, roubando assim tempo que seria útil para algumas actividades de verdadeiro carácter escotista, que estariam indicadas para um acampamento desta natureza.

—Qual é a actual situação do «84»?

—Encontramo-nos agora numa fase de crise, por dificuldades de natureza profissional e particular surgidas na chefia do Grupo e que se arrastam há já algum tempo, mas estamos a procurar indireitar as coisas para que o 84 volte a ocupar o lugar que lhe pertence no panorama do nosso Movimento.

Despedimo-nos desejando que o Grupo n.º 84 depressa resolva os seus problemas internos, para que o Escotismo e a A. E. P. possam de novo contar com um dos seus grupos de maiores tradições.

M. G.

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

(Conclusão da página 4)

QUESTIONÁRIO

1 — Informe o Manuel sobre o que é um caminheiro	2	Pontos
2 — Indique a forma correcta como deve ser designado o subguia	2	»
3 — Organize um relatório como aquele a que o Manuel João faz referência, sobre a povoação em que vive, ou sobre o bairro onde mora no caso de se tratar das cidades de Lisboa ou do Porto	1 a 6	»
4 — Que se deve fazer para evitar que as espias se desfiem? Como executa esse trabalho?	2	»
5 — Diga as razões por que essa ideia não seria de aceitar	2	»
6 — Mostre as vantagens da solução adoptada sobre a sugestão apresentada pelo Paulo	2	»
7 — Explique o que teria levado o guia a fazer esta previsão	2	»
8 — Em que é que não tinha razão o Paulo?	2	»

À MARGEM DO CONCURSO «ESCALPE DE OURO»

Classificação Geral (excluídos os pontos por assinaturas propostas)

	PATRULHAS	GRUPOS	PTS.
1.ª	Galo	52	143
2.ª	Águia	5	144
3.ª	Águia	13	144
4.ª	Poupa	60	127
5.ª	Lobo	94	123
6.ª	Gato Preto	4	111
7.ª	Cão	94	103
8.ª	Tigre	8	101
9.ª	Águia	94	95
10.ª	Veado	7	88
11.ª	Leão	10	66

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

JANEIRO A DEZEMBRO DE 1960

Dedicado a todas as Patrulhas dos «Escoteiros de Portugal» — As Patrulhas que conquistem um mínimo de 200 pontos receberão diploma de «PATRULHA DE MÉRITO» e os seguintes valiosos prémios:

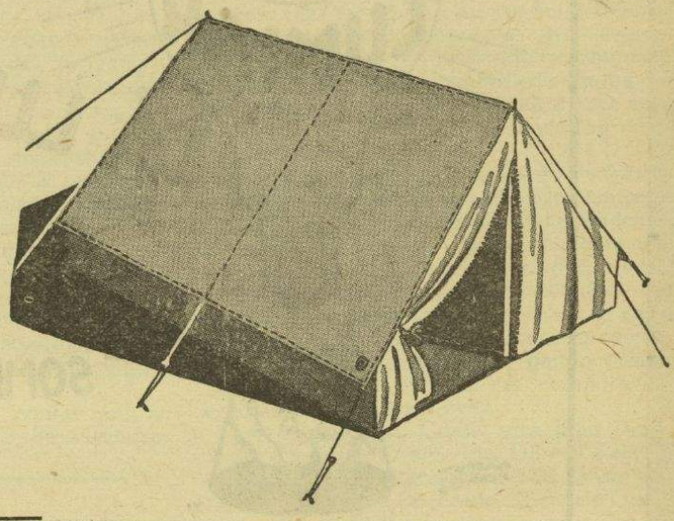
1.º Prémio

Oferecido pela reputada casa de ARTIGOS PARA CAMPISMO E PESCA DESPORTIVA

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13, 1.º—LISBOA 2

UMA TENDA MODELO CANADIANO POPULAR



Ref. C 3. 1,30 m. de altura, 2 m. de comprimento, 1,60 de largura e 0,40 m. de parede. Confecção de tela Super-Tropical impermeabilizada, artigo de boa qualidade.

UMA MEDALHA COMEMORATIVA para cada membro da 1.ª patrulha classificada, oferta de **HÉLDER CUNHA,** conceituado fabricante de **taças, medalhas, bronzes e emblemas.** Rua dos Correeiros, 140 - 4.º — Lisboa 2

2.º Prémio

Troféu «FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL». Interessante troféu escotista, esculpido segundo desenho de B. P., vindo expressamente de Inglaterra. Uma homenagem dos Antigos Escoteiros à 2.ª Patrulha de Mérito.

3.º Prémio

Uma Taça de Prata, oferta da conhecida casa de máquinas de escritório — **QUINTINO, L.DA** — Reparação, vendas e aluguer de máquinas. Rua da Prata, 141, 2.º — Lisboa 2.

4.º Prémio

12 Latas pequenas de **Milo** — um produto **Nestlé** — delicioso alimento tónico, útil para as refeições matinais no campo e em casa. Oferta da **SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS,** Rua Sociedade Farmacêutica, 39, Lisboa 1.

5.º Prémio

Uma Lanterna eléctrica (pilhas) colectiva para suspensão. Uma Lanterna de bolso para cada um dos 8 elementos da Patrulha. Oferta de **ELECTRO-BRILHANTE,** Rua dos Fanqueiros, 187, Lisboa 2

Esta importantante casa de artigos eléctricos oferece de 10 a 40 %, segundo a natureza dos artigos, a **todas** as patrulhas concorrentes ao nosso Concurso.

6.º Prémio

Uma Marmita suíça de alumínio SIGG, modelo «SCOUT» com cinco peças. Oferta da conceituada casa de artigos de campismo **VIEIRA CAMPOS,** Rua da Prata, n.º 215, Lisboa 2.

7.º Prémio

Um Balde e um Alguidar de lona, de boa qualidade, oferecidos pela **Secção de artigos de campismo dos ARMAZÉNS GRANDELA,** Rua do Ouro, 205 — Rua do Carmo, 26, Lisboa 2.

8.º Prémio

UM ARTÍSTICO GALHARDETE DE PATRULHA oferta e confecção da antiga **CASA DAS BANDEIRAS,** Rua dos Correeiros, 149, Lisboa 2.

9.º Prémio

Uma artística Fotografia 24×30 oferta da **FOTO PÉLYS,** Rua Tomás da Anunciação, 62, Lisboa 3.

Para as restantes Patrulhas de Mérito: 1 exemplar do Manual de 1.ª Classe — **MAIS ALÉM** — oferta de «Sempre Pronto».

Prémio Recordação. A última patrulha classificada receberá mais 12 copos de plástico, oferta de Horácio Alves L.da da Rua Augusta, 45, Lisboa.

PRÉMIOS ESPECIAIS

Os Serviços Regionais do Centro dos Escoteiros de Portugal oferecem às duas Patrulhas melhores classificadas da Região Centro, excluída aquela que ganhar o 1.º lugar do Concurso se for desta Região, os seguintes prémios:

1.º — Material no valor de Esc. 50$00, requisitado pelo Guia de Patrulha, com aprovação do Escoteiro-Chefe. Um diploma e um exemplar do livro de provas de 1.ª classe **Mais Além.**

2.º — Material no valor de Esc. 25$00 requisitado nas mesmas condições, e um livro de provas de 2.ª Classe «Sempre Pronto».

N. B. — Para obter este material, as Patrulhas terão de entregar igual quantia à oferecida, que adicionada a esta será igualmente empregada na aquisição de equipamento.

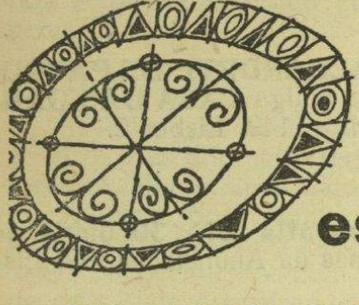


EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELECTRICA

Avenida 24 de Julho, 150

TELEFONES 66 21 77/78

LISBOA 2



província essencialmente aprazível

1960 — A SABOIA CELEBRA O SEU CENTENÁRIO

No ano corrente, explore as montanhas com reflexos lilases, os lagos românticos de uma das maiores zonas de recreio do mundo. Na Saboia, poderá tentar a sorte ao jogo em Aix, entrar nas corridas de Annecy, fazer golf em Evian, ski em Chamonix, velejar em Talloires, desafiar o Monte Branco — ou se preferir, deixar-se embalar tranquilmente sob os frondosos plátanos, olhando os cisnes que cortam as águas plácidas.





Dê largas à fantasia em França

france

COMMISSARIAT GÉNÉRAL AU TOURISME

242, RUA AUREA, 3.º - LISBOA - P. P. C. 25368/9

Mereceu a pena!

O Regional terminou. Várias críticas já foram feitas à sua organização e desenvolvimento. Muitas estão certas e ninguém as ousa contestar. Houve falhas e deficiências que poderiam ter sido evitadas. Mais uma vez se notou a falta de espírito de equipa. Há empreendimentos que não podem ser realizados por esforços individuais. É indispensável aquela cooperação em que cada um se apaga para servir a causa comum. Devemos, porém, reconhecer este facto digno de aplauso: Os responsáveis pela iniciativa reconheceram as deficiências e aceitaram escoteiramente as críticas feitas. Esta circunstância leva-nos a concluir que em futuros empreendimentos estes erros vão ser evitados, exactamente porque foram reconhecidos.

Mas nem tudo foi mau. Não temos dúvida em afirmar que mereceu a pena promover o Acampamento Regional Infante D. Henrique. Saiu-se do marasmo. Os Escoteiros desempenharam muito bem as tarefas e os campos, no final, tinham um aspecto interessante digno de uma grande actividade.

Um dirigente associativo, que no penúltimo dia visitou o acampamento, teve palavras de muito apreço para o trabalho realizado, demorou-se na visita, concluindo por declarar que nunca supunha que se tivesse montado um acampamento tão interessante. Seria esta uma crítica generosa.

Mas podemos registar uma crítica insuspeita. Um dirigente, que durante todo o acampamento se notabilizou pelas mais desfavoráveis apreciações, no momento do encerramento, quando os grupos começaram a desmontar pórticos e construções, olhando emocionado aquele tão rápido «desmanchar de feira», exclamou decepcionado: — Agora que isto estava tão bom é que acaba. Amanhã será uma desolação!...

De facto, o acampamento ao encerrar estava razoàvelmente montado. E até mesmo o fogo de conselho de sábado teve aspectos agradáveis, que foi pena terem faltado à festa de campo.

Realmente e apesar de tudo mereceu a pena. Os escoteiros encontraram-se, confraternizaram e trabalharam. Sobretudo, mostraram que são capazes de levantar um grande acampamento se lhes derem planos, chefes e tempo.

Fez-se a primeira etapa. Procure-se agora promover a segunda, aproveitando a experiência obtida e os Escoteiros de Portugal acabarão por sair do letargo em que têm vivido.

L. V.

VAI SER REORGANIZADO

O GRUPO N.º 85

O Grupo dos Escoteiros Marítimos vai ser reorganizado. A tarefa foi entregue ao Escoteiro - Chefe Mário Gonçalves, que, acompanhado por uma equipa de caminheiros, que pertenceram há muitos anos àquele grupo, procura salvar alguma coisa do material que ficou e mesmo escolher e aproveitar algum membro do efectivo.

O trabalho a realizar é muito difícil porque a unidade ficou completamente desprestigiada. Só agora é possível averiguar em toda a extensão as fortes razões que assistiam a «Sempre Pronto» quando nestas colunas chamava a atenção dos dirigentes para o que ali se passava. É necessário que se afirme que só trazemos aqui reclamações dessa natureza perante factos muito graves. Não nos assustam, portanto, ameaças como as que recebemos em tempo a propósto deste grupo ou as longas reclamações dirigidas aos dirigentes superiores.

Fazemos votos muito sinceros de que o E. C. Mário Gonçalves consiga os maiores êxitos na obra que vai empreender, tanto mais que um grupo marítimo deve lançar as bases para que esta modalidade de escotismo se desenvolva entre nós, como se justifica num país marítimo.

E pode o Grupo n.º 85 contar com a desinteressada colaboração de «Sempre Pronto».

NOS JOGOS OLÍMPICOS

Uma medalha de ouro para um escoteiro

A equipa grega de vela, na classe de «Dragões», conquistou valentemente uma medalha de ouro, classificando-se em primeiro lugar numa prova temerária em que Portugal marcou também uma brilhante posição conquistando o terceiro lugar.

Fazemos referência a esta circunstância porque da equipa grega faziam parte dois notáveis dirigentes escoteiros, o Príncipe Constantino e a Princesa Sofia.

O Príncipe Constantino é o Escoteiro-Chefe da Grécia e um grande encorajador do Escotismo do Mar naquele país. O príncipe é um grande admirador do mar e um praticante entusiasta dos desportos náuticos, tendo dado um grande incremento ao escotismo marítimo na Grécia. Este país tem hoje escoteiros do mar em todas as regiões perto do mar e em todas as ilhas, sendo o efectivo de cerca de 4000 escoteiros. No verão, muitos grupos fazem cruzeiros marítimos de 60 a 100 milhas da sua base. Anualmente, 60 a 80 Escoteiros-Chefes e Guias de Patrulha seguem um curso básico de treino náutico na Armada Grega. Desde 1959 está sendo realizado um curso mais avançado, que permite a concessão de título de comandante.

Interessante notar o desenvolvimento do escotismo marítimo na Grécia, que bem poderia servir de estímulo para Portugal, país de tradições marítimas, onde o escotismo do mar é pràticamente nulo.

JOÃO PEDRO BELLEGARDE BELO

Adoeceu sùbitamente em Matarara em princípios de Setembro passado, o Antigo Escoteiro do Grupo n.º 10 de Lourenço Marques e conhecido desportista de «Os Belenenses», sr. João Pedro Bellegarde Belo. Dada a gravidade da doença e dificuldade dos transportes, o nosso irmão-escoteiro sr. Engenheiro Jorge Pereira Jardim, num gesto espontâneo, ofereceu imediatamente o seu bimotor particular para transportar o doente para a cidade da Beira, o que foi feito de madrugada e em condições difíceis em virtude do Aeroporto ter iluminação de emergência.

O doente foi operado no Hospital daquela cidade pelo Sr. Dr. Gonçalves Dias, mas não foi possível salvá-lo. A sua morte foi muito sentida, tendo-se incorporado no funeral muitos amigos e uma representação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Delegação da Beira.

«Sempre Pronto» apresenta sentidos pêsames à família enlutada.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

O curso «Adestrando a Equipa» e terceira Conferência da Equipa de adestramento para o Hemisfério Ocidental realizam-se no Brasil

De 28 de Outubro corrente a 1 de Novembro realizar-se-á no Parque-Saint-Hilaire, próximo de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o Curso «Adestrando a Equipa», destinado a todos os membros da equipa de adestramento do curso Gilwell e para outros possíveis membros recomendados pelos comissários responsáveis.

O programa será organizado de forma a cobrir todas as formas de adestramento escoteiro — Preliminar, Insígnia de Madeira, Especialista e Técnico — juntamente com outras actividades de adestramento que normalmente estão sob a responsabilidade da equipa. Este curso particularmente se concentrará em certos aspectos da nova edição do Manual da especialidade, dando ênfase às mudanças de técnica em comparação com os manuais anteriores.

O Director do Curso será John Thurman, Chefe de Campo de Gilwell Park e um dos seus auxiliares será o Dr. João Ribeiro dos Santos, Deputado Chefe de Campo e Aquelá-Chefe.

Logo após este Curso e até 6 de Novembro, realiza-se em Canela, a 150 km. de Porto Alegre, a Terceira Conferência da Equipa de Adestramento para o Hemisfério Ocidental, também sob a orientação de John Thurman. A conferência está aberta a todos os membros da Equipa, Escoteiros-Chefes, e Comissários Nacionais de Adestramento do Hemisfério Ocidental.

Da Agenda fazem parte os seguintes assuntos: Estrutura, Funções e desenvolvimento do Adestramento Internacional; Campos de Adestramento Nacional e Equipas itinerantes de Adestramento; Educação Audio-Visual; O Rapaz, nosso principal objectivo; Escotismo na Escola; Métodos Modernos de transmitir ideias, etc. etc.

Haverá uma exposição de adestramento durante a Conferência, na base das Delegações Nacionais.

Brasil

O Brasil enviará uma Delegação oficial à Conferência Internacional de Escotismo, que se realiza no nosso país em 1961. Essa delegação será constituída por três membros, um dos quais será o Dr. João Ribeiro dos Santos, distinto médico do Rio de Janeiro e Comissário Nacional de Adestramento da União dos Escoteiros do Brasil. É possível que os dois restantes delegados sejam também membros da Equipa Nacional de Adestramento.

Trata-se, portanto, de uma oportunidade de receber três ilustres dirigentes do Escotismo Brasileiro, técnicos de adestramento, dos quais o Dr. João Ribeiro dos Santos conta já muitos amigos no nosso país e é um dedicado amigo de Portugal e do Escotismo Português.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique — O Chefe Moniz Silva, em representação do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, tomou parte nas diversas e brilhantes comemorações distritais henriquinas, realizadas nesta cidade de Angra do Heroísmo, sob a dinâmica presidência do Governador do Distrito, Sr. Dr. Teotónio Machado Pires.

Acampamento Americano no Monte Brasil — Estiveram recentemente acampados na Caldeira do Monte Brasil Escoteiros Americanos, sob a chefia do Chefe Weimer, e bem assim uma representação do 52 acompanhada do chefe Moniz Silva.

Durante o acampamento, houve uma visita cultural à velha fortaleza de S. João Baptista, sob a direcção do Chefe do 52.

Homenagem a um Dirigente Americano — Em reunião solenizada do Grupo 52 da A. E. P., em Angra do Heroísmo, com a comparência de Escoteiros, dirigentes e pessoas de família, foi entregue ao Capitão de Fragata, Mr. Reyburn H. Dennis, o diploma de sócio honorário do 52, como reconhecimento da forma simpática e entusiástica como durante os três anos em que pertenceu à Comissão Directiva do agrupamento americano das Lajes, colaborou com os Escoteiros de Portugal, mostrando-se um sincero e activo paladino das boas relações luso-americanas.

Acampamentos de Patrulha — Realizaram últimamente acampamentos de fim de semana, para prestação de provas de segunda classe, as patrulhas «Galo» (no Rolo e na Silveira) e «Andorinha» (em Penha de França).

NOVA REUNIÃO DOS ESCOTEIROS AMERICANOS

Na última reunião escotista realizada na Capela do Destacamento Americano das Lajes, com a comparência de muitas famílias de escoteiros e de uma delegação do Grupo 52, foram distribuídos numerosos distintivos de classe e de especialidade aos escoteiros da segunda secção do Agrupamento Americano das Lajes.

Em seguida, a respectiva organização, na pessoa do seu actual presidente sr. Capitão Tyler, prestou homenagem sentida ao seu presidente cessante, a quem o grupo deve assinalados serviços, o Capitão de Fragata, sr. Reyburn H. Dennis, em vésperas de partir para nova comissão de serviço nos Estados Unidos, oferecendo-lhe uma salva de prata, gravada com penhorante dedicatória.

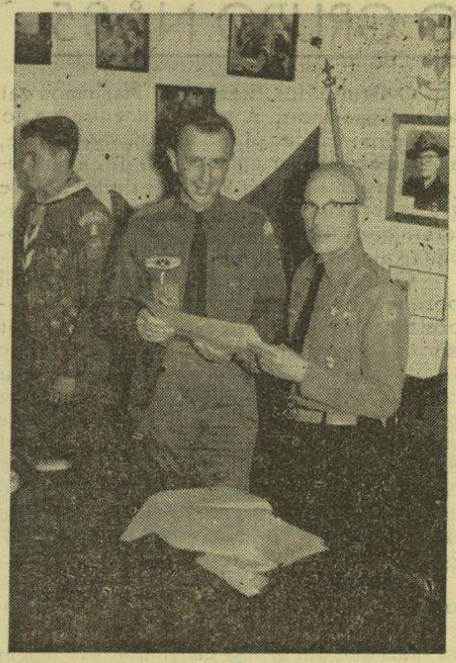
Coube em seguida a vez de ser homenageado o Chefe Moniz Silva do Grupo 52, que vem trabalhando em íntima colaboração com o agrupamento americano, desde os seus princípios. Depois de ler em voz alta a dedicatória, o sr. Capitão Tyler ofereceu ao Chefe Moniz Silva uma artística placa, contendo em aplicação os distintivos escotistas dos «Boy Scouts of America» e dos «Escoteiros de Portugal», e tendo gravados os seguintes dizeres:

Presented in Sincere Appreciation
to
JACINTO DOS REIS MONIZ SILVA
for
His Devotion to the Ideals of Scouting and Outstanding Assistance Rendered to Troop 1 Boy Scouts of America
Lajes Field, Azores
1953 — 1960

NOVA DIRECÇÃO

Pela Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal foi homologada a nova Direcção do Grupo 52 para o biénio de 1960/61, constituída pelos srs. Dr. Henrique da Costa Braz, presidente; Virgílio Óscar Pires Toste, Artur Moniz Silva, António Deodato Ferreira, vogais; Dr. Henrique Henriques Flores, médico do grupo.

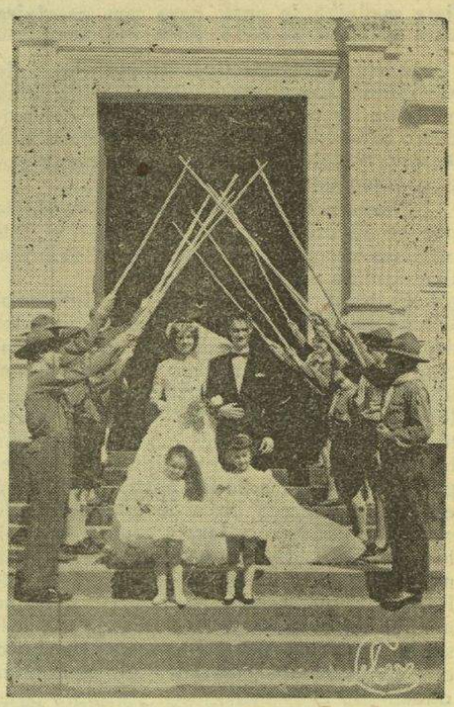
HOMENAGEM A UM DIRIGENTE AMERICANO



O Cap. de Fragata, Mr. Reyburn H. Dennis, recebe o diploma de sócio Honorário do Grupo 52 da A. E. P., das mãos do chefe do Grupo, à direita o chefe Blanton do Grupo Americano

■

CASAMENTO DUM CAMINHEIRO



O caminheiro do 52 sr. Henrique Teixeira de Sousa Jr., ao sair da Igreja da Conceição de Angra, após o casamento, enquanto os seus camaradas fazem uma guarda-de-honra

• • o • •

Enfermeiras e animais

Quem é bicho não é gente, mas não deixa, por isso, de ter direito a ser tratado como gente. Se há enfermeiras para gente porque não as há-de haver para animais?

No Congresso da British Veterinary Association foi decidido criar lugares para 10.000 enfermeiras veterinárias. As candidatas devem ter educação secundária e seguir um curso de 3 anos durante os quais receberão um ordenado.

III Jambori do Ar

É já este mês, desde a meia noite de sexta-feira, dia 21, até à meia noite de Domingo, dia 23, T. M. G. ou seja a hora portuguesa, que se realiza o III Jambori do Ar, actividade aberta a todos os escoteiros que possam ter a colaboração de amadores de rádio, entrando em contacto através da Rádio com escoteiros que estarão operando em qualquer banda da onda de amador, dentro das normas legais, que condicionam estas transmissões.

Para tomar parte neste Jambori basta fazer a chamada «CQ Jamboree»,

A Repartição Internacional de Escotismo operará de Otava, em qualquer das seguintes aproximadas frequências:

10 m.—28,450 KC 20 m.—14,175 KC
15 m.—21,250 KC 40 m.— 7,100 KC
80 M.—3,750 KC

Segundo lemos no «Notícias» de Lourenço Marques, os Antigos Escoteiros da Beira, de cooperação com todos os rádio-amadores de Moçambique, aproveitando esta oportunidade, vão lançar para o ar e para todas as partes do Mundo o brado de presença dos Escoteiros daquele canto tranquilo de Portugal em África.

O antigo escoteiro e Director da Emissora do Aero-Clube da Beira, sr. Francisco Moreira, dirigirá e orientará a operação, estando a fornecer informações a todos os escoteiros que as solicitem.

• • o • •

JOGOS

JOGO DE ORIENTAÇÃO

Os Escoteiros da Patrulha formam. O Guia previne-os de que têm meio minuto para executar a ordem que lhes for dada.

No terreno encontra-se desenhada uma Rosa dos Ventos sem indicativo dos pontos cardeais e colaterais.

O Guia toma o lugar do Norte e indica a cada um dos Escoteiros o ponto que deve ocupar, dizendo: Tu o Leste (dizer Leste para que não se confunda na pronúncia), tu o Oeste, tu o Sueste, etc., etc. Os Escoteiros que hesitarem na ocupação do lugar que lhes for distribuído marcam um ponto. O jogo repete-se várias vezes e ganha o Escoteiro que não tiver marcado nenhum ponto ou tenha marcado o menor número.

Patrulha Poupa—Vila Real de Santo António

Notícias do Regional

CARIMBO DO DIA DOS C. T. T.

Despertou o mais vivo entusiasmo o carimbo do dia dos C. T. T. dedicado ao primeiro dia do Acampamento Regional Infante D. Henrique. A estação dos correios de Santo António (Caparica), recebeu centenas de pedidos deste carimbo de todas as partes do país.

A chefia do Acampamento editou um interessante sobrescrito dedicado a esta lembrança filatélica, tendo impresso no canto inferior esquerdo a insígnia do Acampamento impressa a azul e dourado, com a legenda «47.º Aniversário da A.E.P.». Neste sobrescrito foi aplicado o selo de um escudo da bela emissão comemorativa do Centenário do Infante.

Esta foi uma feliz iniciativa da Chefia do Acampamento, realizada com a simpática colaboração dos serviços postais e do Sr. Correio-Mor.

SERVIÇOS RELIGIOSOS NO ACAMPAMENTO

No Domingo, efectuou-se na clareira do fogo do conselho o culto evangélico no qual participaram todos os escoteiros daquela confissão acampados. Dirigiu o culto o pastor baptista Rev. Ismael da Silva e Cunha, tendo também usado da palavra o Escoteiro-Chefe Rev. Vidal Vieira dos Santos.

A mensagem pôs em interessante confronto as leis de Deus com a lei do escoteiro, tendo o Rev. Silva e Cunha sido escutado com muita atenção por todo o numeroso auditório.

* * *

Como nota desagradável, devemos registar que tendo o Chefe de Campo convidado o Sínodo da Igreja Presbiteriana a organizar os serviços religiosos em campo, não recebeu desta entidade qualquer resposta. Será isto educação cristã?

★ ● ★

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Casamento — Na residência de sua avó, em Lisboa, realizou-se no dia 18 de Setembro passado o acto civil do casamento da antiga guia da Companhia Rainha D. Leonor, Sr.ª D. Susete Rodrigues Varela, com o Sr. Manuel José Oliveira Rodrigues. A noiva é filha da antiga guia da mesma Companhia Sr.ª D. Francisca Rodrigues Varela e do Sr. José António Varela, subchefe do Grupo n.º 7 dos Escoteiros de Portugal. O copo de água foi servido no salão nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses.

Aos noivos apresentamos sinceros votos de muitas felicidades.

Pátria Imortal

Hino apresentado para o Concurso do Acampamento Regional Infante D. Henrique, por Eugénio Augusto Ribeiro

Marchamos alegres, sorridentes,
Muito contentes,
Com devoção,
Porque a nossa marcha só traduz,
Fachos de luz
No coração.

Garbosos e sempre com aprumo,
O nosso rumo
Já foi traçado;
Porque um futuro, sem escola,
Só nos desola,
E não dá brado.

Cantadas a nossos jeitos,
Marchas altivas e belas,
Gravadas em nossos peitos
A cruz dos feitos,
A cruz das caravelas;
Herdeiros universais
Dos grandes descobridores,
Linda Pátria, que jamais
Os nossos rivais
Serão senhores.

Somos a ridente alvorada
Bem preparada,
P'ra dura vida;
Jurando defender nossa bandeira
A vida inteira
Da Pátria querida.

Terra de glória imortal,
Foi Portugal
E há-de ser,
Porque a mocidade, alegre e forte,
Não teme a morte
P'ra defender.

Cantadas a nossos jeitos,
etc. etc.

«Piadas» do Regional

O Cinco montou um «hotel» de 2.º andar, mas houve alguém que disse preferir o rés-do chão «por não ter vocação de pára-quedista».

*

O Noventa e quatro *assistiu à abertura «oficial» da porta principal do acampamento. Muito suou o Chefe Calhau a cortar os 4 arames simbólicos...*

*

No fogo de conselho, antes do ritual de abertura, verificou-se faltarem 10 lenços para os Escoteiros, que, representando os 10 artigos da Lei, acenderiam a fogueira.

O Chefe de Campo remediou o problema com mantas», porque até era melhor pois a noite estava fria...» Se calhar teve receio que a Pureza se constipasse....

*

Ainda no fogo de conselho, algumas das velhas canções saíram um bocadinho desafinadas. Parece que a rapaziada estava precisada de chá de notas musicais... cantavam muito em dó.

*

Os rapazes do Entroncamento habituados aos horários rigorosos do comboio foram exímios na pontualidade. Tiveram sempre pronta a horas a comida... da FNAT.

*

Há chefes muito exigentes na boa organização e que exerceram uma crítica rigorosa de todo o acampamento. Têm muita razão... mas vocês já devolveram as listas de donativos oportunamente recebidas?

*

Ao chegar ao acampamento cada grupo deveria ter tido assinalado o local para instalar o seu campo... Isso não aconteceu, mas houve grupos que foram ao «Regional» e não tinham feito a inscrição prévia.

OS LIVROS ESCOTEIROS DE EDIÇÃO DO «SEMPRE PRONTO»
Estão à venda na
LIVRARIA ALEGRIA
Rua da Prata, 156—LISBOA

PROVA IX

CLASSIFICAÇÃO

PATRULHA	Grupo	QUESITOS 1	2	3	4	5	6	7	8	Assinaturas Supl.res	Atraso (menos)	Total	Classif. Geral
Poupa—V. R. St.º António	60	2	2	2	2	—	3	3	—	30	—	44	187
Tigre — Lisboa.....	8	2	2	2	2	—	3	1	—	30	—	42	131
Gato Preto —Porto ..	4	2	2	2	2	—	—	2	1	30	—	41	261
Galo—Angra do Heroísmo.	52	2	—	2	2	—	3	(a)	1	15	—	25	173
Lobo — Lisboa.....	94	2	2	2	2	3	3	4	1	—	1	18	128
Águia — Lisboa	5	2	—	2	2	—	3	5	1	—	—	15	169
Águia — Lisboa.....	13	2	2	2	2	3	3	—	1	—	—	15	144
Cão—Lisboa	94	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	103
Águia — Lisboa.....	94	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	95
Veado—Lisboa	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	88
Leão—Lisboa	10	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	66

(a) Falta classificar o trabalho manual, por não ter sido ainda recebido.

No Campo Permanente da Associação dos Escoteiros de Portugal

(Conclusão da página 3)



Foto Eng.º Nobre Santos

Os visitantes alemães, elementos do C. N. E. e dois dos esforçados membros da equipa de caminheiros do antigo 85, que prestaram serviços no campo

grupo n.º 93, este filho do Antigo Escoteiro e Correspondente do «S. P.» sr. António Augusto da Silva e Cunha.

A RETIRADA

Pouco depois de terminada a «Festa de Campo» iniciou-se a retirada, após a habitual troca de recordações entre os escoteiros, numa manifestacão sempre igual do alto poder social que encerra o Movimento.

Os escoteiros irmanados do mesmo espírito de fraternidade, trocavam saudações de «até breve», no desejo de que dentro em pouco todos se possam encontrar de novo em mais uma jornada demonstrativa do inigualável poder de solidariedade do Escotismo.

Estava terminado o Acampamento Regional de 1960 e não há dúvida que este cumprira a sua principal missão — a fraternidade escoteira.

CONCLUSÃO

Como os demais escoteiros acampados, vivemos intensamente este Acampamento Regional Infante D. Henrique. Esforçámo-nos por estar presentes em todos os lados onde a nossa missão nos chamava e nunca negámos a nossa colaboração pessoal na execução dos trabalhos mais necessários que preocuparam a chefia do campo.

Sentimo-nos, por isso, absolutamente à vontade nas nossas afirmações, as quais não pretendem diminuir o esforço de quantos trabalharam para o êxito do Acampamento Regional de 1960, mas antes fazer notar, numa crítica construtiva, alguns pontos que podem ser convenientemente acautelados no futuro, para bem do Movimento.

Na chefia do Acampamento foram colocados dois chefes dos bons tempos do Movimento, de quem seria lógico esperar bastante. Não desiludiram, muito embora se vissem quase abandonados pelos colaboradores com que haviam contado para o desempenho da sua tarefa. Tal facto levou-os a um esforço extenuante, o que decerto modo justifica algumas falhas só admissíveis a chefes menos experimentados.

Todavia, importa realçar que os seus esforços em conduzir todos os assuntos da melhor forma, foram notórios.

Não há dúvida de que, se não conseguiram um retumbante êxito com o acampamento realizado, lhes ficamos a dever a dedicação com que dirigiram o primeiro passo na consolidação do Movimento dentro do Campo Permanente da A. E. P.

Por todo esse esforço e ainda pela esperança no futuro que esta actividade proporcionou, são credores sem reservas do nosso modesto mas sincero «BRAVO».

M. G.



Foto W. Karl

O Chefe do Acampamento, Ernesto Clímaco do Nascimento, atende, com a sua habitual boa vontade, um escoteiro acampado

PUBLICAÇÕES

«PRESENÇA DE PORTUGAL EM ÁFRICA»

A Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné fez publicar, em separata do seu boletim, a conferência que o sr. Dr. António Júlio de Castro Fernandes proferiu na sua sede em 23 de Abril passado, em sessão integrada nas Comemorações Henriquinas.

Em apêndice ao mesmo volume é dado um resumo em francês da mesma interessante e oportuna conferência.

«ULTRAMAR»

O Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa e o Centro Universitário de Lisboa iniciaram a publicação, sob o título «Ultramar», da segunda série da sua revista de estudos ultramarinos. É seu Director o Professor Joaquim Moreira da Silva Cunha e insere esclarecidos trabalhos sobre temas da maior oportunidade como a independência do Congo Belga, e o problema da Argélia.

Afirma-se na apresentação da revista que «tudo se deverá empenhar em evidenciar a verdade do que se está a passar em África e pugnar para que os nossos territórios constituam, cada vez mais, o maior desmentido às razões invocadas pelo anticolonialismo contra as Nações Europeias».

Desejamos o maior êxito nos seus propósitos e longa vida à bem apresentada revista.

* * *

A redacção agradece os exemplares recebidos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

TERTÚLIA DO DIRIGENTE

ACAMPAMENTOS ESCOTEIROS

Merece a pena reservar uns momentos para conversar acerca de acampamentos escoteiros. Talvez pareça tratar-se de um assunto suficientemente esclarecido, mas se nos detivermos a observar o que se está fazendo neste aspecto, teremos de reconhecer que poucas vezes se realizam, entre nós, acampamentos escoteiros dignos deste nome.

O Campo Permanente da Caparica, benefício tão interessante de que os Grupos de Lisboa agora dispõem, tem sido usado constantemente para acampamentos, cuja finalidade é apenas recolher uns indivíduos que passam umas horas de barriga para o ar, abrigados da ardência do sol debaixo de uma árvore. Parece que o local convida ao *pic-nic* e, sobretudo, não oferece os horizontes largos e naturais indispensáveis a um campo escoteiro. Não longe da Caparica seria possível encontrar local mais apropriado, embora reconheçam que a existência deste campo privativo é um benefício que poderá ser útil se dele souberem fazer uso apropriado.

Mas, voltando aos acampamentos escoteiros, devemos afirmar que a sua primeira característica é a ACÇÃO. A ociosidade não educa a gente nova. O rapaz (a única preocupação do Escotismo) exige movimento, actividade. Como no Escotismo deve haver ordem e disciplina, a actividade do acampamento não pode nascer do acaso, mas terá orientação e, portanto, o acampamento terá um PROGRAMA prèviamente elaborado e aprovado em Conselho de Guias.

Desta confusão entre acampamento escoteiro, ordenado, com disciplina; e *pic-nic*, sem ordem, sem acção nem programa, têm surgido situações infelizes. Meia dúzia de rapazes e uns chefes, levantam as suas tendas em determinado local, içam a bandeira nacional e passam o resto do dia espreguiçando-se à sombra dum pinheiro. Ora a presença de tal símbolo num acampamento significa que se trata de uma actividade séria, com um objectivo elevado, orientado no sentido de honrar a pátria, não só no cerimonial do içar e descer o pavilhão, mas durante toda a vida de campo.

Qualquer manual escoteiro sugere para um acampamento um programa de tipo semelhante a este:

HORAS	ACTIVIDADES
7	— Alvorada, limpeza e arejamento das tendas.
7.30	— Ginástica e higiene individual.
8	— Içar da bandeira nacional, seguido de meditação espiritual. Leitura da Ordem de Campo.
8.30	— Primeiro almoço e lavagem de loiça.
9	— Montagem de instalações de campo.
10	— Grande jogo, exercício ou provas escoteiras.
11.30	— Preparativos do almoço. (Os cargos das cozinhas de patrulha foram prèviamente distribuídos).
13	— Almoço.
14	— Lavagem de loiça, seguida de período de repouso obrigatório.
15.30	— Palestra, canções, ou qualquer instrução que conserve os rapazes em repouso relativo durante este período.
16	— Jogos escoteiros.
18	— Exercício final.
19	— Desmontagem do acampamento.
	— Arriar a bandeira nacional com a crítica das actividades pelo Chefe.

Embora a ociosidade seja prejudicial num acampamento de rapazes, devemos acautelar-nos de cair no erro oposto: Organizar um programa demasiado sobrecarregado de actividades. De qualquer forma, o Dirigente deve estar atento ao desenvolvimento da vida de campo e, em caso de necessidade, alterar a sequência do programa. Isto significa que, embora o programa seja indispensável, o Chefe não fica escravizado por ele. Pode, em qualquer altura, modificar a sequência das actividades tendo em vista um melhor aproveitamento do tempo e constante interesse dos escoteiros.

Ao final do dia, depois do arriar da bandeira, o Chefe aprecia o acampamento, faz os reparos convenientes, aconselha; louva os escoteiros e as patrulhas que melhor trabalho fizeram. Devemos evitar excessivas reprimendas. O louvor justo, que o rapaz reconhece ser merecido, tem um resultado educativo mais útil que a reprimenda, porque chama a

(Conclui na página 12)

O "REGIONAL" VISTO PELO CHEFE DO ACAMPAMENTO

A experiência que nos ficou é que é preciso confiar nos rapazes e dar-lhes oportunidades de serviço

— afirma o Escoteiro-Chefe Ernesto Clímaco do Nascimento

Muitos poderão estranhar que «Sempre Pronto» tenha dado tão grande relevo ao Acampamento Regional, mas o facto justifica-se plenamente, senão pelo desenvolvimento da iniciativa, pela razão de ser a primeira actividade de maior vulto depois de um incompreensível e demasiadamente longo período de letargia. Foi, portanto, uma experiência que é indispensável aproveitar, na esperança de que outras se sucedam. Neste espírito, quisemos também ouvir a opinião do Chefe de Campo, que, solicitado, se prontificou a dar-nos as suas impressões. E resolvemos fazer-lhe uma pergunta embaraçosa:

—*Se tu, meu caro Ernesto, não fosses o Chefe de Campo que dirias do Acampamento Regional?*

Quer como Chefe de Campo, ou sem essa qualidade, direi sempre o mesmo como Escoteiro que sou. Poderei dizer, por exemplo, que de tudo o que estava planeado conseguiu-se fazer apenas um quarto. De maneira que sou eu o primeiro a não estar satisfeito.

—*E a que se deve essa insuficiência?*

—A diversos factores. Fiquei quase sòzinho com a responsabilidade da organização no período de mais trabalho. Só na véspera do acampamento se iniciar me habilitaram com os meios financeiros indispensáveis. Por isso, devíamos ter ido para o Campo na segunda-feira e só no sábado pudemos levar para ali o material para a instalação. Disto resultou que uma parte desse material não pôde sequer ser utilizado.

—*Mas do acampamento alguma coisa de útil se teria aproveitado, não é verdade?*

—Acho que sim e que deverá ter sido um ponto de partida para um novo surto de acção, aproveitando as experiências obtidas. Conforme foi dito, oportunamente, tratava-se de um acampamento experimental. No relatório que estou a elaborar não deixarei de evidenciar o que de útil foi feito e as falhas que se verificaram, para que se possam aproveitar os elementos úteis tanto em pessoal como em recursos. Necessàriamente que nem todos os elementos nomeados souberam desempenhar os cargos para que estavam indicados. Por outro lado, revelaram-se valores e descobriram-se boas vontades que tornaram possível o bom funcionamento e montagem do acampamento nos últimos dias. Há que aproveitar esses elementos e outros que não puderam agora dar o seu concurso até porque a data não foi de molde a facilitar essa colaboração.

—*Qual é a tua impressão acerca dos rapazes?*

—Estava quase a deixar-me convencer pela opinião daqueles que afirmam constantemente que os rapazes de hoje não são como os de outros tempos e não possuem aquelas qualidades que antigamente distinguiam a mocidade. Mas em face deste contacto com os Escoteiros mudei completamente de parecer.

—*Porquê?* — interrogámos com interesse:

—Porque os rapazes se portaram à altura dos seus deveres de Escoteiros, desempenhando com uma dedicação exemplar os trabalhos de campo, alguns bastante duros

(Conclui na página 12)

UMA CARTA DO ENG.º NOBRE SANTOS

ACERCA DOS CURSOS PRELIMINARES DA INSÍGNIA DE MADEIRA

A propósito da entrevista que nos concedeu e publicámos no número 184, o Eng.º Nobre Santos escreveu-nos uma carta, que transcrevemos na íntegra por a considerarmos de muito interesse para o bom esclarecimento dos nossos leitores:

Lisboa, 30 de Setembro de 1960

Sr. Director do «Sempre Pronto»:

Na entrevista que foi publicada no vosso jornal sobre os Cursos da Insígnia de Madeira, notei algumas «gralhas». Uma delas, talvez a mais importante, é a que substituiu, no título, a expressão «entre nós» por «Portugal». Ao referir-me à possibilidade de se iniciar «entre nós» a realização de cursos da Insígnia de Madeira, queria referir-me à nossa Associação escotista, ao Movimento Escotista que em Portugal está sob a nossa directa responsabilidade. Em relação ao que a outra associação escotista portuguesa tem feito ou estará habilitada a fazer nada sei oficialmente nem me poderia intrometer nesse assunto, que nos não diz directamente respeito.

Além deste esclarecimento, que peço seja publicado, conviria corrigir as erratas:

Tirar um NÃO da frase — «Por isso, a Insígnia de Madeira não é um curso que (não) nos dê direito ao uso de nomes pomposos».

«À cabeça dessa pirâmide (...) e por muitos outros, que de outros países se prestam a ir dar ajuda...» em vez de quiserem lá ir dar ajuda.

Desculpar-me-á só agora vir ao assunto, mas, como sabe, a entrevista foi publicada quando já não me encontrava em Portugal, por ter ido a Gilwell, e, assim, só quando regressei em Setembro tive conhecimento da forma definitiva como foi publicada.

Agradecendo a vossa atenção, subscrevo-me

Sempre Pronto a Servir

a) J. M. Nobre Santos

Agradecemos as explicações do Escoteiro-Chefe Delegado da Região Centro, pedimos desculpa das «gralhas», parecendo-nos que o assunto ficou suficientemente esclarecido, embora devamos acrescentar que ao escrevermos no título realização em Portugal de Cursos Preliminares da Insígnia de Madeira», tínhamos naturalmente em pensamento os Escoteiros de Portugal.

★ ● ★

O «SEMPRE PRONTO» NA BEIRA

Pedimos aos nossos assinantes da Beira (Moçambique) para efectuarem o pagamento da assinatura do nosso jornal ao nosso Delegado, Sr. Alfredo Pereira Jardim.

★ ● ★

Com que se forja um homem, senão com sacrifício?

M. CAMUS

Palavras do Engenheiro Nobre Santos,

Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro

Ao encerrar o "Regional"

Findou o nosso «Regional» e julgo que podemos dar-nos por satisfeitos. Encontrámo-nos, trabalhámos e fortalecemos as nossas capacidades de vencer as dificuldades — e muitas elas foram.

Tivemos boas companhias, que apesar de não serem todas as que desejávamos e esperávamos, nos deram o calor da sua amizade.

Recebemos mensagens vindas de bem longe: dos Açores, de Angola, de Moçambique, do Brasil irmão, e da Alemanha.

O trabalho de montagem e organização foi duro, pois houve muito que fazer para a adaptação do campo, mas regozijo-me com o facto de ter aparecido uma boa equipa de trabalho, que soube levar avante a tarefa, mesmo sem a minha ajuda directa, no último período da preparação, em virtude de me encontrar longe noutras lides escotistas.

Nem tudo saiu como gostaríamos que tivesse resultado, há coisas que teremos de fazer melhor noutros empreendimentos deste género, mas a nossa maior conquista foi a de termos levado a efeito uma actividade onde os rapazes, os chefes de Grupo e demais dirigentes trabalharam e aproveitaram; isso nos deve dar satisfação, alento e vontade para prosseguir, de modo a conseguirmos melhor no futuro.

Agora é preciso que não deixemos resfriar os nossos esforços — desde o mais novo Escoteiro ao mais alto Dirigente associativo — para que culminemos o ano que vai entrar com maior satisfação por termos conseguido melhor caçada.

O Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro

JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS

(LEÃO DA SELVA)

ACAMPAMENTOS ESCOTEIROS

(Conclusão da página 11)

atenção para o que de bom foi feito. Necessàriamente, todos aqueles que não forem citados reconhecerão que não atingiram nível merecedor do elogio. Na próxima actividade esforçar-se-ão para serem dignos de louvor.

Alguns chefes poderão objectar que gostam de passar um dia repousado no campo ou na praia. Ninguém os impede de satisfazer esse prazer. Mas façam-no particularmente, com a família ou os amigos, nunca na qualidade de escoteiros e usando símbolos próprios do Escotismo.

LOBO VELHO

O "Regional" visto pelo Chefe do Acampamento

(Conclusão da página 11)

e que não estavam indicados para as actividades normais de um acampamento. Mas como era preciso fazer, apelou-se para eles e tudo foi feito com boa vontade e entusiasmo. Todos cumpriram, não só os de Lisboa, mas do Norte, do Entroncamento e do Sul.

— E que conclusões tiras desse facto?

— Que podemos confiar nos rapazes e dar-lhes oportunidade de serviço, aproveitando as suas faculdades.

Afirmámos ao Chefe Nascimento que nos parecia ter sido essa uma excelente experiência, capaz de ajudar à compreender a actual situação do nosso Movimento. Os rapazes são os mesmos e esperam o estímulo dos dirigentes. Os dirigentes é que nem sempre estão à altura das suas responsabilidades. É preciso que os Chefes se compenetrem disto e lhes proporcionem ensejo de actividade.

O Chefe Nascimento manifestou a sua concordância com as nossas palavras e despedimo-nos com agradecimentos e o habitual aperto de mão esquerda.

E. R.

Manual de Provas de 1.ª classe

«MAIS ALÉM»

Com a colaboração de Prof. Aníbal Ramos, António M. Calhau, Armando Garcia Inácio, Eduardo Barbeiro, Eduardo Ribeiro, Eng.º José Maria Nobre Santos, Joel Ribeiro, Júlia Gomes Pena Ribeiro, Dr. Leopoldo de Figueiredo, Dr.ª Lídia de Medeiros e Manuel Tacão Monteiro.

O LIVRO QUE FAZIA FALTA!

172 páginas — Muito ilustrado

ESC. 12$50

Manual de 2.ª Classe «Sempre Pronto» 5$00

Manual de 3.ª Classe «Para ser Escoteiro» 3$50

À VENDA

no Serviço de Material e Uniformes da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

e na Redacção do «SEMPRE PRONTO»

Pedidos pelo correio ou pelo Telef. 636607